

Intencionalidade racionalizada: como fatos simples se tornam uma fonte de perplexidade

Rationalized intentionality:

How simple facts become a source of perplexity

Intencionalidad racionalizada:

cómo los hechos simples se convierten en una fuente de perplejidad

Joana Bortolini Franco

Universidade de São Paulo (USP/ Brasil)

joanabfranco@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3130-2960>

RESUMO

A teoria de Michael Tomasello é muito celebrada no campo dos estudos linguísticos voltados para o uso e a interação. Neste artigo, pretendo mostrar que ela se assenta em pressupostos contraditórios, que comprometem os preceitos gradualistas de uma visão emergencista da cognição. Os conceitos de ação e compreensão intencionais (\approx intencionalidade) que subjazem à teoria gestual são baseados em modelos cognitivos que pressupõem a posse de conteúdo proposicional e de habilidades de raciocínio lógico. Os gestos dêiticos e os motivos cooperativos, que centralizam os argumentos em favor do primitivismo da intencionalidade conjunta/compartilhada, funcionam como dispositivos teóricos que racionalizam a comunicação das crianças pré-linguísticas, visando a preservar a singularidade humana frente aos outros primatas. A racionalização do conceito de intencionalidade, que pode ser mapeada ao longo de uma sequência de

* Sobre a autora ver página 21.



publicações, demonstra que o problema visado tem mais a ver com uma concepção idealizada da intencionalidade do que com fatos empíricos. **PALAVRAS-CHAVE:** Intencionalidade; Aquisição da linguagem; Teoria gestual; Teoria cooperativa; Tomasello.

ABSTRACT

Michael Tomasello's theory is renowned in the field of usage-based and interaction-based studies of language. In this article, I intend to show that it is based on contradictory assumptions, which compromise the gradualist precepts of an emergentist view of cognition. The concepts of intentional action and understanding (\approx intentionality) that underlie gestural theory are based on cognitive models that presuppose possession of propositional content and skills of logical reasoning. The deictic gestures and cooperative motives, which are central to the primitivism of joint/shared intentionality, work as theoretical devices that rationalize the communication of pre-linguistic children, aiming to preserve human uniqueness vis-à-vis other primates. The rationalization of the concept of intentionality, which can be mapped along a sequence of publications, demonstrates that it addresses problems which has more to do with an idealized conception of intentionality than with empirical facts.

KEYWORDS: *Intentionality; Language acquisition; Gestural theory; Cooperative theory; Tomasello.*

RESUMEN

La teoría de Michael Tomasello es una de las más celebradas en los estudios lingüísticos centrados en el uso y la interacción. En este artículo pretendo mostrar que se basa en supuestos contradictorios, que comprometen los preceptos gradualistas de una visión emergentista de la cognición. Los conceptos de acción y comprensión intencionales (\approx intencionalidad) que subyacen en la teoría gestual se basan en modelos cognitivos que asumen la posesión de contenido proposicional y habilidades de razonamiento lógico. Los gestos deícticos y los motivos cooperativos, que centralizan los argumentos a favor del primitivismo de la intencionalidad conjunta/compartida, funcionan como dispositivos teóricos que racionalizan la comunicación de los niños prelingüísticos, con el objetivo de preservar la singularidad humana frente a otros primates. La racionalización del concepto de intencionalidad, que se puede mapear a lo largo de una secuencia de publicaciones, demuestra que el problema abordado tiene más que ver con una concepción idealizada de la intencionalidad que con hechos empíricos.

PALABRAS-CLAVE: *Intencionalidad; Adquisición de lenguaje; Teoría gestual; Teoría cooperativa; Tomasello.*

1 Introdução

Uma parte importante do argumento em favor de uma teoria emergencista do pensamento e da linguagem – i.e., uma teoria que procura

explicar habilidades humanas maduras com base em formas primitivas de cognição – é que o estabelecimento de um código depende do acordo a respeito de uma série de definições e julgamentos que não estão expressos no código. A única maneira de parar esse regresso é assumir que há definições e julgamentos que não foram objeto de nenhum acordo explícito, e que a sua aceitação tácita é um pré-requisito para aprender qualquer sistema de regras e convenções. No caso do aprendizado das línguas naturais, isso pressupõe que as crianças estejam de posse desses requisitos antes de ser capazes de adquirir as convenções da língua. Esse “problema de *bootstrapping*” (TOMASELLO, 2008, p. 59) é epitomizado na situação do aprendizado inicial de uma palavra, em que a criança precisa selecionar *um* aspecto do seu ambiente perceptivo, dentre possibilidades virtualmente infinitas de referência.

Essa é uma questão central para as teorias da aquisição, e as diferentes respostas a ela definem se uma teoria é nativista ou experiencialista. A teoria de Tomasello pode ser considerada experiencialista, porque nega a existência de conceitos e regras inatas, mas ela difere das abordagens behavioristas que o precederam, porque não se limita às condições de co-ocorrência entre uma palavra e o seu referente. Na verdade, Tomasello subverte um pouco essa questão, ao tratar a referência linguística como uma propriedade secundária no processo de aquisição, que depende do compartilhamento de um “terreno comum” cujo significado é imediatamente compreendido, sem a necessária interposição de conceitos ou princípios pré-existentes. Assim, tudo o que precisamos pressupor é que os bebês humanos sejam suscetíveis a certos estímulos, de forma a estabelecer com os adultos conexões primitivas, inerentemente significativas, no sentido de que são estabelecidas sobre um arcabouço de sentido previamente estruturado pela cultura, nas práticas sociais através das quais aprendemos a língua. Essa é, realmente, a grande sacada da teoria de Tomasello, que faz dela uma das mais originais e celebradas teorias cognitivas sobre a linguagem.

O trunfo da teoria, em um sentido amplo, é que ela insere elementos da psicologia cultural, da primatologia e de algumas ciências humanas no quadro teórico da psicologia e da linguística cognitivas, promovendo um diálogo que, até pouquíssimo tempo atrás, parecia estar com todas as vias bloqueadas. Essa é uma maneira de unir *nurture* com *nature* (natureza com cultura) que soluciona alguns graves problemas que as teorias estritamente mentalistas enfrentam na hora de explicar a origem do conteúdo semântico. Uma vez que a estrutura significativa fundamental da cognição está depositada na cultura e nas práticas sociais, não existe mais o problema de explicar como representações mentais se ligam a coisas mundo. Todas as teorias “associacionistas” da aquisição, e isso vale tanto para as gerativas quanto para as behavioristas, tentam explicar como as crianças “mapeiam” novas palavras sobre o seu ambiente perceptivo, como se a compreensão da palavra não tivesse nada a ver com a compreensão da situação (cf. TOMASELLO, 2000, p. 401). Na proposta de Tomasello, a situação já é percebida como

significativa, então não há uma lacuna entre o que a criança percebe e o que a criança compreende; há, na verdade, uma continuidade, uma vez que a criança está biologicamente preparada para perceber as nuances que fazem de uma situação qualquer uma situação comunicativa.

Para que uma teoria cumpra tal função, é estritamente necessário que a compreensão imediata da situação seja mais simples que a posterior compreensão linguística para a qual ela serve de andaime, o que significa que ela não pode pressupor a posse de conceitos nem de pensamento proposicional. Se as estruturas cognitivas atribuídas às crianças são *interpretáveis* de alguma forma, então a teoria estará sujeita ao regresso explicativo mencionado no início deste texto, pois elas estarão na dependência de um código pré-existente (no caso, a língua do teórico).

Consciente desse problema, Tomasello (1999; 2000) inicialmente propõe que as primeiras interações significativas dos bebês são fundadas em uma “compreensão dos outros como seres intencionais iguais a si mesmo” (1999, p. 6).¹ Esse processo exige que a criança seja capaz de *simular* mentalmente certos estados mentais dos adultos em analogia com os seus próprios, o que pressupõe somente que ela tenha experienciado esses estados mentais em suas próprias ações sobre o mundo (1999, p. 70-76). Perto do primeiro aniversário, a criança já acumulou experiência suficiente para compreender que seus próprios atos intencionais são orientados pelos seus objetivos, e isso é suficiente para que ela compreenda que o comportamento e a percepção dos outros é intencionalmente orientada, isto é, é orientada por objetivos. Quando é chegada a hora de aprender as suas primeiras palavras, a criança é capaz de compreender que, algumas vezes, a atenção do adulto está orientada simultaneamente para ela e para algum objeto do mundo, e é então que ela aprende que palavras são ferramentas intersubjetivas que servem para manipular os estados intencionais de outra pessoa.

As coisas mudam de figura quando Tomasello passa a admitir, anos depois, que *motivações cooperativas* também são necessárias para ter esse primeiro acesso ao mundo da cultura (TOMASELLO; CARPENTER, 2007; TOMASELLO, 2008; 2009). Especificamente, para as primeiras interações triádicas, as crianças precisam ter, e compreender, a motivação cooperativa fundamental de *ajudar* outras pessoas a alcançar os seus objetivos. Segundo Tomasello: “Para ter esse motivo, as crianças precisam, primeiro, compreender que outros sabem ou ignoram uma informação, e, segundo, ter o motivo altruísta de ajudá-los fornecendo-lhes informações necessárias ou desejáveis.” (2008, p. 122).² Esse tipo de compreensão envolve a atribuição de atitudes proposicionais, que pressupõe o conhecimento de como as coisas são e, também, de como elas não são. Além disso, envolve a habilidade de inferir

¹ [...] understanding of others as intentional beings like the self [...] (TOMASELLO, 1999, p. 6).

² To have this motive infants must have, first, an understanding that others can be knowledgeable or ignorant (see section 4.2.2 for evidence), and second, an altruistic motive to help others by supplying them with the needed or desirable information. (TOMASELLO, 2008, p. 121-122).

intenções e expectativas dos adultos com base em julgamentos normativos de racionalidade, relevância e novidade. Com o ingresso dos motivos cooperativos, a criança pré-linguística de Tomasello se transforma em uma espécie de “super bebê”,³ que usa os gestos de apontamento para realizar atos comunicativos tão complexos quanto o uso maduro da linguagem: “Confrontados com um gesto de apontamento, as crianças parecem se perguntar: ‘por que ele acha que olhar para aquela tigela vai ser útil ou relevante para mim?’” (TOMASELLO, 2009, p. 18).⁴

No próximo item, vou discutir o conceito básico de ação intencional e o conceito correlato de compreensão da ação intencional que subjazem à teoria de Tomasello, e mostrar como o desenvolvimento do conceito de “intencionalidade compartilhada” pode ser descrito como uma gradual internalização de elementos que, inicialmente, Tomasello preferia situar no contexto. Em seguida, vou discutir dois experimentos frequentemente citados como evidências para a existência de motivos cooperativos subjacentes ao uso dos gestos: “Chimpanzés são mais habilidosos em tarefas competitivas do que em tarefas cooperativas” (HARE; TOMASELLO, 2004); “Crianças de um ano compreendem as intenções comunicativas por trás de um gesto em um jogo de esconder” (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005).⁵ Vou argumentar que os resultados desses experimentos não oferecem nenhuma evidência de um mecanismo cognitivo baseado em motivações, e que essa interpretação é induzida por pressupostos contidos na teoria (FRANCO, 2023).

Pretendo mostrar que a teoria gestual cooperativa é orientada por uma necessidade explicativa que pouco tem a ver com os fatos a respeito da linguagem infantil. A problemática enfrentada pela teoria gestual é inteiramente gestada em um quadro de pensamento racionalista, em que as informações relevantes da interação estão dentro da cabeça dos indivíduos, não no contexto. Essa visão dualista, e fortemente internalista, da cognição humana, expressa a verdadeira imagem de interação, e de natureza humana, que guia a busca de Tomasello pela singularidade humana. Quando essa imagem é sobreposta à observação do comportamento das crianças, com o intuito particular de diferenciá-lo do comportamento dos chimpanzés, ganham proeminência aqueles traços que mais se parecem com o comportamento humano adulto, tal como concebido (cf. RICHARDSON, 2007; PENN, 2011; BUCKNER, 2013; BARRETT, 2015; 2018).

³ Devo essa expressão à professora Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB).

⁴ Confronted with pointing, infants appear to ask themselves, “why does she think that my attending to that cup will be helpful or relevant for me?” (TOMASELLO, 2009, p. 18).

⁵ Títulos originais: “Chimpanzees are more skilful in competitive than in cooperative cognitive tasks” (HARE; TOMASELLO, 2004); “One-year-olds comprehend the communicative intentions behind gestures in a hiding game” (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005).

2 Intencionalidade: concepção básica e desenvolvimentos posteriores

Na teoria madura de Tomasello (2012; 2014; 2019), o conceito de intencionalidade *compartilhada* engloba dois subtipos de intencionalidades unicamente humanas: a intencionalidade *conjunta*, característica dos bebês e, por hipótese, dos primeiros humanos; e a intencionalidade *coletiva*, característica da cognição humana adulta moderna. Ela é ainda diferenciada de um outro tipo de intencionalidade, a intencionalidade *individual*, que Tomasello afirma ser característica dos grandes primatas.

Na primeira fase da teoria, havia apenas um tipo de intencionalidade, definida simplesmente como a compreensão da ação intencional em termos de objetivos (TOMASELLO, 1999, p. 18-23). O conceito importante é o de *ação intencional*: “‘Intencional’ é usado aqui no sentido de ‘agir com uma intenção.’” (TOMASELLO; RAKOCZY, 2003, p. 122).⁶ O termo “intenção”, nesse caso, é sinônimo de “objetivo”, que, por sua vez, é entendido como uma representação mental de um estado de coisas desejado. “Agir com intenção” é, portanto, conscientemente orientar a percepção e a ação para a realização de um objetivo específico, por exemplo, abrir uma caixa. Dada essa definição de ação intencional, a intencionalidade consiste simplesmente na compreensão do objetivo subjacente a uma ação intencional.

Inicialmente, Tomasello acreditava que os primatas não entendiam absolutamente nada da ação intencional, estando limitados à compreensão da “animalidade”: a direcionalidade do corpo e do olhar durante uma ação intencional. “Compreender a animalidade de um comportamento significa compreender que ele é auto-produzido; diferente de paus e pedra, seres animados geram comportamento próprio.” (TOMASELLO; CALL, 1997, p. 197; cf. TOMASELLO, 1999, p. 74-76).⁷ Esse tipo de compreensão não exige nada mais do que certas habilidades de categorização e a compreensão de sequências simples de eventos espaço-temporais, além de um certo volume de experiências. Bebês humanos maiores de seis meses de idade entravam nessa categoria, junto com os outros primatas.

A partir dos nove meses de idade, dizia a teoria, começa a acontecer a revolução cognitiva que vai transformar a compreensão da direcionalidade do corpo e do olhar em compreensão de objetivos (comportamento direcionado por objetivo) e de percepção intencional (atenção). Segundo Tomasello: “[...] essa nova forma de cognição social concerne à compreensão de que outros fazem escolhas em sua percepção e ação, e de que essas escolhas são guiadas por uma representação mental de algum resultado desejado, o

⁶ ‘Intention’ here is used in the sense of ‘acting with an intention.’ (TOMASELLO; RAKOCZY, 2003, p. 122).

⁷ Understanding the animacy of behavior means understanding that it is self-produced; unlike sticks and rocks, animate beings generate behavior on their own. (TOMASELLO; CALL, 1997, p. 197).

objetivo.” (1999, p. 205).⁸ Embora já sejam “um pouco separadas do comportamento”, essas intenções simples ainda são diretamente expressas no comportamento, em mudanças sutis da direcionalidade do corpo e do olhar, que só são percebidos se forem vistos como orientados por objetivos (1999, p. 179). Além disso, como vimos acima, esse tipo de compreensão pode ser concebido como um processo automático, que exige esforço mínimo por parte da criança. O salto da animalidade para a intencionalidade, em termos cognitivos, é muito pequeno: “A única grande diferença é que os seres humanos ‘identificam-se’ com coespecíficos mais profundamente do que os outros primatas.” (TOMASELLO, 1999, p. 14).⁹

Nos anos seguintes, a teoria passou por duas grandes mudanças. Primeiro, a diferenciação entre intencionalidade individual e compartilhada (TOMASELLO; RAKOCZY, 2003) e a caracterização da intencionalidade compartilhada como ação conjunta (TOMASELLO et al., 2005). Depois, a motivação para compartilhar emoções e estados psicológicos (TOMASELLO et al., 2005) e a motivação para ajudar (TOMASELLO; CARPENTER, 2007) entram na base cognição humana. As evidências empíricas que embasaram essas mudanças teóricas serão discutidas no próximo item. Por ora, quero discutir como alguns aportes teóricos ajudaram a internalizar elementos da interação que Tomasello situava no ambiente externo (no contexto, na situação).

A primeira mudança foi motivada “pela descoberta das habilidades cognitivas surpreendentemente sofisticados de primatas não humanos” (TOMASELLO, 2014, p. 2).¹⁰ Resumidamente: “[...] parece que os grandes primatas conseguem compreender alguma coisa do comportamento dos outros, tanto em termos de comportamento como de percepção.” (TOMASELLO; RAKOCZY, 2003, p. 141).¹¹ Então, o conceito de intencionalidade *compartilhada* é trazido da obra de filósofos como John Searle, Raimo Tuomela e Margareth Gilbert, para diferenciar a intencionalidade unicamente humana da compreensão incipiente que os primatas tinham de intenções simples. Porém, ainda não estava claro em *que* esse caráter de compartilhamento se diferenciava da intencionalidade recém-descoberta dos chimpanzés. A diferenciação entre a intencionalidade *individual* dos grandes primatas e a intencionalidade *compartilhada* dos humanos vai ser estabelecida em Tomasello et al. (2005), com o aporte da teoria da ação conjunta de Michael Bratman (cf. ZAHAVI; SATNE, 2016; SATNE, 2016).

⁸ Rather, this new form of social cognition concerns the understanding that others make choices in their perception and action and that these choices are guided by a mental representation of some desired outcome, that is, a goal. (TOMASELLO, 1999, p. 205).

⁹ There is just one major difference, and that is the fact that human beings “identify” with conspecifics more deeply than do other primates. (TOMASELLO, 1999, p. 14).

¹⁰ Empirically, one new finding is the surprisingly sophisticated cognitive abilities of nonhuman primates [...]. (TOMASELLO, 2014, p. 2).

¹¹ So it seems that apes can understand some psychological states in other, concerning both behavior and perception. (TOMASELLO; RAKOCZY, 2003, p. 141).

A principal contribuição do modelo de ação conjunta de Bratman é a distinção entre *objetivos* e *planos de ação*: o objetivo é uma simples representação, ao passo que o *plano de ação* é um processo de tomada de decisão e escolha de um curso de ação, que envolve a simulação mental de possíveis ações e considerações racionais e normativas sobre a adequação do comportamento à realidade percebida (TOMASELLO et al., 2005, p. 676). Assim, foi possível admitir que os grandes primatas compreendem a ação intencional até os objetivos e intenções simples, reservando às crianças o acesso aos planos de ação. Esses planos de ação não estavam ausentes nas considerações anteriores de Tomasello, mas eles não eram concebidos como modelos internos de tomada de decisão. Na primeira versão da teoria, a *escolhas* envolvidas em uma ação intencional eram *actanciais* e *perceptivas*, manifestadas em atos concretos de tentar fazer alguma coisa, falhando e conseguindo, e sendo compreendidas em analogia às experiências próprias da criança, considerando que ela mesma tenha vivido experiências semelhantes.

A segunda mudança é induzida pela necessidade de substituir a intencionalidade simples como a base da singularidade humana, uma vez que habilidades de leitura de intenção haviam sido descobertas nos primatas. Por isso, é proposto um tipo muito primitivo de motor para ação, especificamente, a motivação de compartilhar emoções e percepção (TOMASELLO et al., 2005). O conceito de *motivação* designa algo menos sofisticado do que o de intenção, sem estrutura interna, que não pressupõe planejamento e pode ser pensado como um impulso irracional ou propensão natural para a ação (cf. TOMASELLO, 2014, p. 43; 58). O motivo de *compartilhar*, por sua vez, pressupõe apenas a posse de emoções e percepções, além de uma susceptibilidade orgânica para responder aos contatos humanos. Essas características legitimam a atribuição da motivação a crianças tão pequenas quanto seis meses de idade, e sustentam a hipótese de que ela tenha uma origem inata.

Também nesse caso, a motivação de compartilhar não era exatamente uma novidade. Tomasello (1999, p. 63) afirmava que: “o simples ato de apontar um objeto para outra pessoa com o propósito único de compartilhar atenção é um comportamento comunicativo unicamente humano [...]”¹² A diferença é que ela passou a servir como uma espécie de potencializador do processo de simulação, impulsionando a intencionalidade, da simples identificação corporal com coespecíficos, para “níveis psicológicos mais profundos de identificação com os outros.” (TOMASELLO et al., 2005, p. 688-689).¹³ No mesmo artigo, o papel dos gestos de apontamento na comunicação infantil também começa a ser revisto, com a diferenciação entre apontamentos declarativos (em que a criança simplesmente quer chamar

¹² [...] me, that the simple act of pointing to an object for someone else for the sole purpose of sharing attention to it is a uniquely human communicative behavior [...]. (TOMASELLO, 1999, p. 63).

¹³ And so we would speculate at this point that more deeply psychological levels of identification with others [...]. (TOMASELLO et al., 2005, p. 688-689).

atenção do adulto para algumas coisas) e apontamentos informativos (em que a criança quer chamar a atenção do adulto com o objetivo de ajudá-lo) (TOMASELLO et al., 2005, p. 683, 685, 690).

Finalmente, o último movimento da mudança na teoria de Tomasello é o ingresso da motivação de *ajudar*, simultaneamente à consolidação da teoria gestual (TOMASELLO; CARPENTER, 2007). A síntese teórica que encontramos em Tomasello (2008) é fruto da incorporação do modelo da comunicação cooperativa de Grice ao arcabouço genético humano, junto à motivação de compartilhar e às habilidades de leitura de mente. Segundo Tomasello, intenções comunicativas griceanas adicionaram uma “camada adicional de intencionalidade” às interações humanas, demandando a habilidade de fazer “inferências sociais recursivas” baseadas em “assunções mútuas (e mesmo normas) de cooperação”: “nós dois sabemos juntos que somos (e que deveríamos ser, do ponto de vista do grupo social) cooperativos.” (TOMASELLO, 2008, p. 89, 321).¹⁴ Isso é o que Tomasello chama de “raciocínio cooperativo”, que se soma ao “raciocínio prático” dos primatas com a inclusão das *razões* subjacentes a um ato comunicativo: “Quando um ser humano aponta, o recipiente implicitamente *se pergunta por quê* – por que ele pensa que olhar naquela direção será útil ou interessante para mim?” (TOMASELLO, 2008, p. 52. Grifos meus).¹⁵

A intenção comunicativa sempre foi considerada um tipo especial de objetivo/intenção, porque ela é “direcionada” simultaneamente para “o estado atencional” de outra pessoa e para um objeto “externo”.¹⁶ Mas, na primeira fase da teoria, a compreensão das intenções comunicativas era só um tipo de compreensão de intenção perceptiva (atenção) que esperava o estabelecimento de algum terreno comum. Quer dizer, a compreensão das intenções comunicativas por parte das crianças esperava até que elas tivessem acumulado quantidade suficiente de experiência dentro de certos formatos interacionais, mas não exigia nenhuma habilidade cognitiva adicional à compreensão de intenções simples. A distinção qualitativa da intenção comunicativa como essencialmente cooperativa vem atender à necessidade de definir diferentes níveis de compreensão da ação intencional, de modo a abrir espaço para a intencionalidade dos primatas e preservar a singularidade humana em termos de compartilhamento de intenções (FRANCO, 2023).

¹⁴ Mutual assumptions (and even norms) of cooperation and the Gricean communicative intention are generated as recursive mindreading is applied to the cooperative motives: we both know together that we are (and should be, from the point of view of the social group) cooperative. (TOMASELLO, 2008, p. 321).

¹⁵ When one human points for another, the recipient implicitly asks herself why – why does he think that looking in that direction will be useful or interesting for me? (TOMASELLO, 2008, p. 52).

¹⁶ Uma melhor maneira de falar isso seria dizer que a intenção comunicativa produz ações e percepções direcionadas para outra pessoa e para um objeto. Essa paráfrase evita a maior parte dos termos metafóricos.

3 Embasamento empírico

Como foi mencionado acima, a mudanças que levaram à tese da comunicação cooperativa e à teoria gestual se iniciaram a partir de novas descobertas a respeito da cognição primata: que os chimpanzés também compreendem ação e percepção intencionais. Aparentemente, isso deixava sem explicação o fato de os primatas não serem capazes de adquirir língua: “[...] compreender ações intencionais e percepções não é suficiente para produzir atividades sociais e culturais do tipo humano. Algo mais é necessário.” (TOMASELLO et al., 2005, p. 676).¹⁷ A nova hipótese, como sabemos, era motivacional: “[...] a comunicação dos chimpanzés envolve meios e motivos individualistas, ao passo que mesmo crianças pré-linguísticas se comunicam cooperativamente [...].” (TOMASELLO; CARPENTER, 2007, p. 122).¹⁸ Para testar essa hipótese, Tomasello e seus colegas conceberam um experimento capaz de testar especificamente a reação dos sujeitos às motivações, e não meramente às ações, de outro indivíduo. Para isso, os autores revisitaram o conhecido “paradigma da escolha do objeto”, em que os sujeitos do experimento são expostos a pistas informativas da localização de um objeto e precisam escolher um dentre dois recipientes fechados. Hare e Tomasello (2004) aplicaram o teste a chimpanzés, Behne, Carpenter e Tomasello (2005), a crianças entre 14 e 18 meses.¹⁹

A “hipótese motivacional” havia sido inicialmente proposta por Hare (2001), relativamente aos experimentos com grandes primatas. Ela consistia em adicionar um componente de competitividade aos cenários experimentais, para reproduzir com mais fidelidade as condições ecológicas da vida social primata. Em seguida, modelos clássicos da psicologia experimental, tais como os que testavam a compreensão de intenções e percepções, foram reconcebidos e reaplicados, gerando os novos resultados sobre a cognição primata que falamos acima. Hare e Tomasello (2004) faz parte dessa leva revisional, mas é o primeiro a tratar a motivação como uma variável independente, que pode ser manipulada com vistas a produzir determinados efeitos no comportamento dos chimpanzés. A tarefa da escolha do objeto era ideal para esse propósito, porque ela envolve o uso de pistas *comunicativas*, isto é, pistas produzidas com a *intenção de comunicar*. Assumindo que intenções comunicativas são qualitativamente diferentes de intenções simples, e que elas são essencialmente cooperativas, os autores imaginaram um cenário

¹⁷[...] understanding the intentional actions and perceptions of others is not by itself sufficient to produce humanlike social and cultural activities. Something additional is required. [TOMASELLO et al., 2005, p. 676].

¹⁸ In general, chimpanzee communication involves individualistic means and motives whereas even prelinguistic human infants communicate cooperatively, and often with the sole motivation to share experiences and information with others. (TOMASELLO; CARPENTER, 2007, 122).

¹⁹ A partir daqui, por conveniência, os experimentos serão referenciados como Hare e Tomasello (2004) e Behne, Carpenter e Tomasello (2005).

experimental com intenções simples invariáveis, mudando apenas a variável motivacional.

Dois procedimentos foram usados para manipular a variável motivacional do experimento em Hare e Tomasello (2004). Primeiro, um “aquecimento” entre o experimentador e o chimpanzé antes da rodada de testes, em que era estabelecida uma relação competitiva (grupo experimental) ou uma relação cooperativa (grupo controle). Segundo, na rodada de testes, os grupos eram submetidos a pistas sutilmente diferentes: sendo o experimentador um informante competitivo, ele produzia a “pista de alcançar” – braço esticado com esforço em direção ao local da recompensa, mão aberta com a palma para baixo, olhos fixos no local da recompensa; sendo o experimentador cooperativo, ele produzia a “pista de apontar” – braço estendido em direção ao local da recompensa, dedo indicador esticado, olhar alternado entre o local da recompensa e o sujeito (HARE; TOMASELLO, 2004, p. 571). O resultado, como esperado, foi que “os chimpanzés tiveram desempenho melhor sob condições de competição do que sob condições de cooperação”, dando suporte à “hipótese da cognição competitiva” (HARE; TOMASELLO, 2004, p. 575).²⁰

A mesma estratégia foi usada por Behne, Carpenter e Tomasello (2005) para testar a compreensão de intenções comunicativas em crianças entre 14 e 24 meses. Anteriormente, a tarefa havia sido aplicada a crianças mais velhas, entre 2.5 e 3 anos, com três tipos de pistas: apontar para o recipiente correto; colocar um marcador em cima do recipiente; segurar uma réplica do recipiente (TOMASELLO; CALL; GLUCKMAN, 1997). Essas três pistas são claramente distintas em sua relação com o objeto referenciado: no apontamento, estabelece-se uma relação triádica actancial entre o adulto, a criança e o objeto, que é típica do primeiro ano de vida; o marcador vai além por estabelecer uma relação entre dois objetos no mundo, mas ainda depende da proximidade física desses objetos; já a réplica envolve o estabelecimento da relação entre dois objetos no mundo que não estão em proximidade física, o que revela uma capacidade representacional avançada. Nessas três condições, o que varia é a natureza da pista comunicativa. Na versão elaborada em Behne, Carpenter e Tomasello (2005), a ideia era usar a “mesma pista” – no caso, o apontamento – e variar a intenção comunicativa do experimentador.

O cenário era o seguinte: em uma “brincadeira de esconder”, o adulto esconde um brinquedo em um dentre dois recipientes opacos, e então pergunta à criança onde está o brinquedo. Na situação experimental, definida como cooperativa, as crianças eram expostas a pistas comunicativas usuais da tarefa:

²⁰ These results thus provide the first direct support for the competitive cognition hypothesis, in the sense that chimpanzees performed better in the same task under conditions of competition than they did under conditions of cooperation. (HARE; TOMASELLO, 2004, p. 575).

(a) olhar ostensivo: E [E= experimentador] repetidamente virou a cabeça, olhando para o recipiente com isca e de volta para a criança. Enquanto alternava o olhar, E também expressava sua intenção comunicativa por meio de gestos faciais, como erguer as sobrancelhas.

(b) apontamento: E apontou transversalmente, mantendo a mão com o dedo indicador estendido na linha média do corpo, para ter controle da distância. Ao apontar, E olhou para o recipiente com isca e de volta para a criança, expressando sua intenção comunicativa também por meio de gestos faciais, como erguer as sobrancelhas. (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005, p. 494).²¹

Na situação controle, que corresponderia à situação não cooperativa, o adulto “produzia um comportamento superficial similar, [mas] de um jeito distraído, não comunicativo”, com um “comportamento retraído” (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005, p. 496), usando as seguintes pistas:

(a) olhar perdido: E olhou para o recipiente com isca com uma expressão facial distraída (ou seja, seus olhos estavam desfocados, sua expressão facial era neutra e ela não ergueu as sobrancelhas ou arregalou os olhos). (Ocasionalmente, ela olhava para a criança, mas sem estabelecer contato visual.) Ao apoiar o queixo na mão, E sublinhou sua expressão distraída e não comunicativa.

(b) ‘apontamento’ distraído: E segurou sua mão com o dedo indicador estendido na linha média de seu corpo, na mesma posição que a pista para o ponto comunicativo. Mas, em vez de olhar para a criança e para o recipiente com isca, ela olhou para a mão. Sua expressão facial sugeria que ele estava preocupado em inspecionar a sua mão ou o seu relógio de pulso. (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005, p. 497).²²

Eu quero chamar atenção para a artificialidade da distinção entre a situação experimental e a situação controle, se colocamos essa diferença em

²¹ (a) ostensive gaze: E repeatedly turned her head, gazing at the baited container and back at the child. While gaze alternating, E also expressed her communicative intent through facial gestures such as raised eyebrows. (b) point: E pointed across her body, holding her hand with extended index finger at the midline of her body, in order to control for distance cues. While pointing, E looked at the baited container and back at the child, expressing her communicative intent also through facial gestures such as raised eyebrows. (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005, p. 494).

²² (a) absent-minded gaze: E gazed at the baited container with an absent-minded facial expression (i.e. her eyes were unfocused, her facial expression was neutral and she did not raise her eyebrows or widen her eyes). (Occasionally she glanced back towards the child, but without establishing eye contact.) By resting her chin in her hand E underlined her absentminded, non-communicative expression. (b) distracted ‘point’: E held her hand with extended index finger at the midline of her body, in the same position as for the communicative point cue. But instead of looking at the child and the baited container, she looked down at her hand. Her facial expression suggested that she was preoccupied with inspecting her hand or wrist watch. (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005, p. 497).

termos de intenções subjacentes. Entre as pistas comunicativas e as pistas não comunicativas não há uma diferença *oculta*, que exigiria da criança a capacidade de inferir estados mentais subjacentes à ação do experimentador. A diferença concerne, de fato, às intenções: em um caso, o experimentador *quer mostrar* à criança onde está o brinquedo, no outro, não. Mas ela é *evidente* em todas as ações do experimentador: em um caso, ele ostensivamente chama atenção da criança para o objeto, no outro, ele coça o braço distraidamente e olha para o nada. Por que pensar que essas ações não estariam salientes e imediatamente disponíveis às crianças? O que leva os autores a pensar que a resposta das crianças depende da percepção de uma intenção oculta, e não do seu engajamento direto na atividade?

Os movimentos corporais realizados, na situação controle, *não são pistas* de nenhum tipo, eles são movimentos aleatórios e acidentais, e não temos nenhuma razão para supor que as crianças poderiam, em qualquer situação, interpretá-los como sendo significativos (se isso acontecesse, seria muito esquisito). Os experimentos *presupõem* a capacidade das crianças de usar gestos de apontamento e de distinguir entre uma situação comunicativa e uma situação “neutra”. O mesmo pode ser dito sobre a situação experimental, em que as crianças estavam engajadas a uma atividade familiar – um “jogo de procurar brinquedos” – e expostas a gestos conhecidos – olhar ostensivo, apontamento ostensivo etc. Que uma, ou mais de uma, criança se saísse mal na tarefa não é uma possibilidade real do experimento – na verdade, que todas se saíssem bem é um *pressuposto* e uma *condição* para a realização do experimento. Com respeito ao fato de que os chimpanzés “falham” na tarefa cooperativa, isso não é evidência de que eles *não compreendem* motivos cooperativos, mas é apenas uma demonstração de que eles *não jogam esse jogo* – no caso, a “brincadeira de procurar brinquedos”.

Essa é a razão pela qual se pode dizer que eles quase-experimentos, isto é, experimentos destinados à observação detalhada, documentação e categorização de um determinado fenômeno (SHARROCK; COULTER, 2004; PENN, 2011; BARRETT, 2015, 2018). No caso, Behne, Carpenter e Tomasello (2005) oferecem uma descrição dos graus de desenvolvimento da capacidade de usar os gestos de apontamento como pistas informativas, mas eles não oferecem nenhuma evidência independente para as possíveis causas desse fenômeno observável. Isto é, eles não evidenciam nenhum fenômeno observável que seja distinto do comportamento observável dos sujeitos. A explicação “uma criança compreende um apontamento porque compreende a motivação informativa” não é efetivamente uma explicação. Essa sentença se parece mais com uma tautologia, é como dizer que alguém sabe qual é a estrela manhã porque sabe qual é a estrela da tarde. Ou seja, a expressão “ela compreende o apontamento do adulto” tem a mesma extensão que “ela compreende a motivação informativa por trás de um gesto de apontamento”, com a diferença de que, na última frase, o vocabulário usual com o qual

descrevemos a situação é substituído pelo vocabulário da teoria (FRANCO, 2023).

4 Gestos e motivações

Na primeira fase da teoria de Tomasello, os gestos de apontamento não eram vistos como veículos privilegiados de transmissão de informação, eles eram apenas uma dentre muitas maneiras de compartilhar atenção e aprender novas palavras (cf. TOMASELLO, 1992, p. 216-217; 1999, p. 87-88; TOMASELLO; RAKOCZY, 2003, p. 128). O mesmo se pode dizer sobre as intenções comunicativas, que se diferenciavam das intenções simples apenas pela quantidade de terreno comum exigido para ser compreendidas. A necessidade teórica de distinguir qualitativamente as intenções comunicativas das intenções simples, para redefinir os limites cognitivos entre humanos e outros primatas, induziu a reconcepção do gesto de apontamento como uma entidade comunicativa complexa, que contém dois tipos de intenção, uma direcionada ao sujeito (intenção comunicativa/cooperativa), a outra direcionada ao objeto (intenção simples/direcional). Com isso, tornou-se possível imaginar uma situação em que o gesto de apontamento ele mesmo poderia ser segmentado em duas variáveis intencionalmente distintas. A artificialidade da separação entre o movimento corporal do gesto e a intenção demonstra que essa diferenciação é exclusivamente teórica e não está fundada na observação empírica.

Os gestos de apontamento passam de “direcionares de atenção muito genéricos, não adaptados a situações referenciais específicas” (TOMASELLO; RAKOCZY, 2003, p. 128), a “poderosas ferramentas de comunicação”, na teoria gestual (cf. TOMASELLO, 2008, p. 10, 59, 81, 82). Não há nenhum fato substancial a respeito da comunicação gestual das crianças que justifique essa mudança, a não ser a decisão teórica – e, sobretudo, terminológica – de tratar os apontamentos informativos como um subtipo distinto dos outros gestos declarativos. Essa decisão, por sua vez, justifica-se apenas diante da necessidade de traçar uma linha de separação entre o comportamento humano e o dos outros primatas modernos. O conceito de “cooperação” que passou a compor a base natural para a ação e a interação intencionais humanas é concebido a partir da sua antítese, a “competição” – conceito este, por sua vez, que havia sido adotado para descrever a cognição *primata*, quando ela não pôde mais ser descrita simplesmente em termos de intencionalidade. As motivações, ao invés de contribuírem como um elemento primitivo, instintivo, da cooperação, ingressam na teoria com a função de preservar a ideia da singularidade humana em termos de leitura de mente (FRANCO, 2023).

A meu ver, os gestos de apontamento ganham protagonismo na teoria gestual porque eles são elementos da comunicação infantil (e, virtualmente, da comunicação *primata*) que podem ser convenientemente descritos com os mesmos termos semânticos usados para descrever as propriedades

comunicativas da língua adulta, sem parecer que estamos atribuindo-lhes mais do que a observação dos fatos nos legitima. Eles reingressaram sorrteiramente na teoria, como a única opção de “pista comunicativa” que poderia ser usada com chimpanzés e com crianças pequenas, dado o fato de que esses organismos não usam marcadores ou réplicas para informar coespecíficos sobre a localização de algum objeto. Na verdade, gestos naturais não são simplesmente “excelentes candidatos” para o papel de “formas de comunicação não convencionais, não codificadas, [...] como fundacional” (TOMASELLO, 2008, p. 59);²³ eles são, de fato, os *únicos* candidatos, uma vez que eles incorporam precisamente as propriedades comunicativas que Tomasello espera encontrar na base da comunicação humana.

A idealização da configuração motora do apontamento (o dedo esticado e o movimento dos olhos) como uma ferramenta autônoma de comunicação evidencia um processo de “linguistificação” da comunicação gestual. Os gestos acabaram por incorporar as propriedades semânticas que antes eram exclusivas da linguagem, herdando, com isso, o problema típico das abordagens associacionistas da linguagem, a indeterminação do referente. Tomasello projeta sobre a comunicação gestual o conceito de referência linguística, construindo o problema fundamental enfrentado pela teoria gestual: “Como o recipiente [de um gesto] consegue cobrir a grande distância entre o referente indicado e a intenção social [comunicativa] do comunicador?” (TOMASELLO, 2008, p. 71).²⁴ Essa lacuna entre intenção referencial e motivação é uma ilusão, criada pela projeção, sobre a comunicação gestual, de uma imagem teórica da linguagem como veículo de transmissão de informação entre mentes isoladas.

5 Como fatos simples se tornam fonte de perplexidade

Toda a teoria gestual (TOMASELLO, 2008) é construída sobre a premissa de que os gestos de apontamento são essencialmente indeterminados. Ao longo do livro, somos confrontados com o seguinte questionamento: como é possível que, com um gesto tão elementar, um simples dedo esticado, possamos comunicar tantas coisas diferentes, em tantas situações diferentes? (cf. TOMASELLO, 2008, p. 3-4, 74). Ele vem acompanhado de um toque de perplexidade, como se estivéssemos diante de um fenômeno misterioso: “De onde vem essa complexidade comunicativa, se não de ‘dentro’ do dedo esticado ou dos dedos se movendo?”

²³ [...] we must begin with unconventionalized, uncoded communication, and other forms of mental attunement, as foundational. Excellent candidates for this role are humans’ natural gestures such as pointing and pantomiming. (TOMASELLO, 2008, p. 59).

²⁴ How does the recipient cover the great inferential distances from the indicated referent to the communicator’s social intention? (TOMASELLO, 2008, p. 71).

(TOMASELLO, 2008, p. 74).²⁵ Se a pergunta fosse feita para o primeiro Tomasello, provavelmente sua resposta seria direta: a cada instância de uso de um gesto, o contexto ou, mais precisamente, a cena de atenção conjunta, fornece todas as informações necessárias para especificar o referente. Há um terreno conceitual comum que serve de pano de fundo para esses atos comunicativos, então não há qualquer indeterminação, nem para o adulto, nem para uma criança que está aprendendo a língua (cf. TOMASELLO, 1992, p. 17; 1999, p. 108). Mas, no segundo Tomasello, a indeterminação essencial do significado de um gesto de apontamento (mais especificamente, a indeterminação da intenção comunicativa) está no centro dos seus questionamentos:

Então, nossa pergunta é: como algo tão simples quanto um dedo esticado pode comunicar de maneiras tão complexas e tão diferentes, em ocasiões diferentes?

Qualquer resposta imaginável a essa pergunta terá que depender fortemente de habilidades cognitivas do que às vezes é chamado de leitura da mente ou leitura de intenção. (TOMASELLO, 2008, p. 4. Grifos meus).²⁶

Essa passagem revela como respostas para problemas científicos podem ser antecipados pelo mecanismo da teoria, na forma de um questionamento que foi inteiramente moldado segundo os pressupostos da própria teoria. A lacuna imaginada entre o apontamento e o contexto de uso é um requerimento da teoria intencional, que assume que a comunicação humana depende de habilidades de leitura de mente. Nessa imagem teórica, a dimensão “mental” ou “intencional” de uma ação *precisa* ser oculta, porque a intercompreensão é pensada como um exercício racional de explicação dos movimentos corporais do outro, nos moldes das explicações de eventos causais. Assim, toda compreensão social (i.e., compreensão de outras mentes) tem a forma de uma teoria, e todo estado mental é hipotético, no sentido de nunca poder ser diretamente observado (SHARROCK; COULTER, 2004; COSTAL; LEUDAR, 2009).

De acordo com essa imagem teórica, os termos do vocabulário psicológico da nossa linguagem (p.e., termos para intenções, pensamentos, desejos, crenças, etc.) referem-se a entidades que não podem ser observadas, que estão dentro da cabeça dos indivíduos. Quando cenários experimentais são elaborados com o intuito de identificar a presença de algum mecanismo cognitivo, por exemplo, a “compreensão” de um gesto ou a “motivação” de ajudar, os experimentadores tratam esses mecanismos como processos

²⁵ Where does this communicative complexity come from, if it is not “in” the protruding or sprinkling fingers? (TOMASELLO, 2008, p. 74).

²⁶ And so our question is: how can something as simple as a protruding finger communicate in such complex ways, and do so in such different ways on different occasions? Any imaginable answer to this question will have to rely heavily upon cognitive skills of what is sometimes called mindreading, or intention-reading. (TOMASELLO, 2008, p. 4).

hipotéticos, ocultos, e olham para o comportamento dos sujeitos como se eles fossem mera *evidência* de mentalidade. Mas, essa é uma concepção muito restrita de comportamento e de interação, porque assume que os comportamentos dos outros são percebidos como meros movimentos límbicos, nos termos de um behaviorismo ultraradical. Nós não temos sequer expressões adequadas para descrever o que seria esse tipo de comportamento, porque não há uma parte da nossa linguagem que seja inteiramente “física”, em oposição ao vocabulário psicológico. Isso é demonstrado pela dificuldade que Tomasello e seus colegas tiveram para discernir objetivamente entre um cenário “com” e um cenário “sem” intenção comunicativa/cooperativa.

O objetivo dos autores em Behne, Carpenter e Tomasello (2005) era responder à seguinte questão: “[...] se os bebês que estão começando a aprender a língua possuem uma compreensão das intenções comunicativas – especialmente expressas em gestos não linguísticos.” (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005, p. 493).²⁷ Se olharmos bem, essa não é uma pergunta verdadeiramente científica. Qualquer pessoa que passe algum tempo com um bebê com um pouco mais de 1 ano de idade pode atestar que eles nos compreendem em muitos níveis, não só nos gestos, mas globalmente como um sujeito, que eles respondem diferentemente a depender da pessoa com quem estão interagindo, que coordenam-se aos hábitos, atitudes e outros padrões comportamentais dos adultos, etc. Na verdade, é basicamente isto que fazemos com crianças dessa idade: nos engajamos com elas intencionalmente de um modo em que o conteúdo semântico da nossa fala é o menos importante, porque o que há de significativo nessa interação está no que fazemos com elas, inclusive aí a fala (não o conteúdo semântico) que geralmente acompanha essas interações. Que bebês que estão começando a aprender a língua possuem compreensão de intenções expressas em certos gestos é um fato, e duvidar disso é um sinal de que os fatos podem estar sendo distorcidos pela sobreposição de uma imagem teórica, idealizada, do funcionamento das coisas.

6 Considerações finais

Vimos como, no decorrer das mudanças promovidas na teoria de Tomasello, elementos da interação foram gradativamente incorporados ao aparato cognitivo inato dos seres humanos, trazendo para dentro da cabeça o que antes estava situado no contexto externo. Primeiro, com o influxo da teoria da ação conjunta de Bratman, entraram os “meios comportamentais” da realização de um objetivo, que adicionaram uma dimensão de racionalidade à estrutura simples da ação intencional (TOMASELLO et al., 2005). Depois,

²⁷ And so the question is whether infants just beginning to learn language possess an understanding of communicative intentions – especially as expressed in nonlinguistic gestures. (BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005, p. 493).

entraram as normas da comunicação racional, com a incorporação da estrutura inferencial da comunicação intencional griceana ao arcabouço inato da cognição humana (TOMASELLO; CARPENTER, 2007; TOMASELLO, 2008; 2009). Trata-se de dois modelos formulados para explicar o comportamento racional de seres humanos adultos, e a sua atribuição a crianças e, em certa medida, até aos chimpanzés, contraria os preceitos gradualistas de uma explicação interacional e emergencista para a linguagem (cf. ZAHAVI; SATNE, 2016; SATNE, 2016).

As motivações cooperativas na comunicação gestual de crianças são apresentadas como fatos comprovados, mas a realidade empírica dessas motivações não depende de aceitação dos resultados dos experimentos controlados como evidência empírica. A realidade empírica dessas motivações depende, antes, da adoção de um vocabulário técnico que descreve adequadamente um conjunto de reações típicas dos bebês em termos motivacionais/intencionais, substituindo com ela a descrição usual que faríamos da situação usando a linguagem cotidiana. Não há dúvida de que “[...] os seres humanos são capazes de comunicar-se de maneiras muito complexas com gestos muito simples [...]”. (TOMASELLO, 2008, p. 72).²⁸ Também não há dúvidas de que “[...] bebês humanos, antes de terem alguma ou qualquer linguagem, já conseguem apontar para direcionar os outros a todos os tipos de referentes, para comunicar todos os tipos de intenções sociais complexas” (TOMASELLO, 2008, p. 66);²⁹ nem de que “[...] bebês pré-linguísticos se comunicam gestualmente de maneiras muito mais complexas do que os primatas [...]”. (TOMASELLO, 2008, p. 74).³⁰ Não são esses fatos que eu quero contestar; o que eu quero é mostrar que eles não alteram o nosso conhecimento a respeito da comunicação infantil.

Que seres humanos apontam para a informar; que o uso de gestos muitas vezes dispensa o uso da língua; que alguns gestos são universalmente compreendidos como intencionados a direcionar a intenção do interlocutor; que as crianças se comunicam ricamente através de gestos, e que os primatas não; que crianças com 18 meses compreendem gestos de apontamento com mais frequência do que crianças com 14 meses; etc., etc.; são todos *fatos* da nossa forma de vida. Discordar deles seria equivalente a admitir que poderia haver crianças que aprendem a falar normalmente como todas as outras, mas sem nunca ter usado gestos de apontamento. Esse fato não é *impossível*; esse fato é, na verdade, *inconcebível*, dado que tenhamos assumido uma visão objetiva sobre como as coisas de fato são. Isso mostra como fatos muito elementares da existência humana – da nossa forma de vida – podem ser distorcidos ou

²⁸ [...] human beings are able to communicate with one another in such complex ways with such simple gestures [...] (TOMASELLO, 2008, p. 72).

²⁹ [...] human infants, before they have much or any language, can already use pointing to direct others to all kinds of referents in order to communicate all kinds of complex social intentions.” (TOMASELLO, 2008, p. 66).

³⁰ [...] even prelinguistic infants communicate gesturally in much more complex ways than apes [...]. (TOMASELLO, 2008, p. 74).

obscurecidos por uma concepção teórica, uma vez que ela tenha se tornado a moldura através da qual olhamos o mundo – “[...] como os óculos sobre o nariz, através dos quais vemos tudo o que olhamos. Nunca nos ocorre tirá-los.” (WITTGENSTEIN, 2009 [1979], p. 103).

Agradecimento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BARRETT, L. A Better Kind of Continuity. **The Southern Journal of Philosophy**, v. 53, n. S1, p. 28–49, 1 set. 2015.

_____. Picturing Primates and Looking at Monkeys: Why 21st Century Primatology Needs Wittgenstein. **Philosophical Investigations**, v. 41, n. 2, p. 161–187, 2018.

BEHNE, T.; CARPENTER, M.; TOMASELLO, M. One-year-olds comprehend the communicative intentions behind gestures in a hiding game. **Developmental Science**, v. 8, n. 6, p. 492–499, 2005.

BUCKNER, C. Morgan’s Canon, meet Hume’s Dictum: Avoiding anthropofabulation in cross-species comparisons. **Biology and Philosophy**, v. 28, n. 5, p. 853–871, 30 set. 2013.

FRANCO, J. B. **Tomasello em busca da singularidade humana: uma crítica naturalista inspirada pela filosofia de Wittgenstein**. Orientadora: Evani de Carvalho Viotti. 2023. 150fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

HARE, B. Can competitive paradigms increase the validity of experiments on primate social cognition? **Animal cognition**, v. 4, n. 3–4, p. 269–280, 2001.

HARE, B.; TOMASELLO, M. Chimpanzees are more skilful in competitive than in cooperative cognitive tasks. **Animal Behaviour**, v. 68, n. 3, p. 571–581, 2004.

LEUDAR, I.; COSTALL, A. On the historical antecedents of the theory of mind paradigm. **Against Theory of Mind**, p. 19–37, 2009.

PENN, D. C. How folk psychology ruined comparative psychology: And how scrub jays can save it. **Animal Thinking: Contemporary Issues in Comparative Cognition**, v. 8, p. 253–265, 2011.

RICHARDSON, R. C. **Evolutionary psychology as maladapted psychology**. Cambridge, MA: MIT Press, 2007.

SATNE, G. A two-step theory of the evolution of human thinking: Joint and (various) collective forms of intentionality. **Journal of Social Ontology**, v. 2, n. 1, p. 105–116, 2016.

SHARROCK, W.; COULTER, J. ToM: A Critical Commentary. **Theory & Psychology**, v. 14, n. 5, p. 579–600, 2004.

TOMASELLO, M. **The Cultural Origins of Human Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. The social-pragmatic theory of word learning. **Pragmatics. Quarterly Publication of the International Pragmatics Association (IPrA)**, v. 10, n. 4, p. 401–413, 2000.

_____. Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 28, n. 5, p. 675–691, 2005.

_____. **Origins of Human Communication**. Cambridge, London: The MIT Press, 2008.

_____. **Why We Cooperate**. Boston: MIT Press, 2009.

_____. Two key steps in the evolution of human cooperation: The interdependence Hypothesis. **Current Anthropology**, v. 53, n. 6, p. 673–692, 2012.

_____. **A Natural History of Human Thinking**. Cambridge, London: Harvard University Press, 2014.

_____. **Becoming human: A theory of ontogeny**. London: Harvard University Press, 2019.

TOMASELLO, M.; CALL, J. **Primate Cognition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

TOMASELLO, M.; CALL, J.; GLUCKMAN, A. Comprehension of Novel Communicative Signs by Apes and Human Children. **Child Development**, v. 68, n. 6, p. 1067, dez. 1997.

TOMASELLO, M.; CARPENTER, M. Shared intentionality. **Developmental Science**, v. 10, n. 1, p. 121–125, 2007.

TOMASELLO, M.; RAKOCZY, H. What makes human cognition unique? From individual to shared to collective intentionality. **Mind and Language**, v. 18, n. 2, p. 121–147, 2003.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009 [1979].

ZAHAVI, D.; SATNE, G. Varieties of shared intentionality: Tomasello and classical phenomenology. *Em.* BELL; CUTTROFELLO; LIVINSTON (Eds.). **Beyond the Continental-Analytic Divide**. London: Routledge, 2015.

*Recebido em maio de 2023.
Aprovado em outubro de 2023.
Publicado 17 de agosto de 2024.*

SOBRE A AUTORA

Joana Bortolini Franco é doutora em Linguística e Semiótica pelo Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, bacharel em Linguística/Português e mestra em Linguística pelo mesmo departamento. Há mais de dez anos investiga as potencialidades de diálogo entre a filosofia de Ludwig Wittgenstein e as teorias linguísticas cognitivas, com interesse nas discussões de caráter epistêmico-metodológico a respeito das bases naturalistas das ciências da linguagem.